

“A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO É A CARNE NEGRA”: O COMBATE AO RACISMO NO CHÃO DA ESCOLA, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Ana Luíza da Silva Mello ¹
Maria José de Brito Araújo ²

RESUMO

No decorrer da minha experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, observei que os alunos da turma em que eu lecionava frequentemente reproduziam comportamentos racistas, evidenciados por "brincadeiras" preconceituosas e pelo distanciamento em relação aos colegas negros. Na tentativa de compreender tais atitudes, deparei-me com relatos preocupantes: “eles são violentos”, “eles são sujos” e “eles são pessoas ruins”. Notei que esses adjetivos depreciativos não eram direcionados a alunos de pele mais clara. Diante disso, e considerando o mês da Consciência Negra como oportunidade, eu, minha equipe e a professora supervisora desenvolvemos um projeto interdisciplinar voltado à valorização da cultura afro-brasileira na escola. Assim, organizamos diversas atividades que abordavam aspectos culturais como cabelos crespos, danças tradicionais, religiosidade e culinária. Montamos um painel interativo com informações sobre a cultura afrodescendente, incentivando sua utilização em dinâmicas diárias. Durante o mês, promovemos leituras coletivas de obras como O Pequeno Príncipe Preto, A Menina Bonita do Laço de Fita e Que Cor é a Minha Cor?, seguidas por debates reflexivos. Também convidamos uma cabeleireira especializada em cabelos crespos e cacheados, que, junto com sua equipe, ministrou minicursos sobre cuidados capilares. Ademais, introduzimos músicas, brincadeiras e receitas típicas afro-brasileiras, proporcionando aos alunos uma vivência prática e enriquecedora. Ao término do projeto, meu grupo juntamente com a professora supervisora observaram mudanças significativas no comportamento dos estudantes. Eles demonstraram maior respeito, empatia e valorização da cultura negra, reconhecendo sua importância na formação da identidade brasileira. Essa experiência revelou a relevância de iniciativas pedagógicas que promovam a equidade racial e a desconstrução de preconceitos no ambiente escolar.

Palavras-chave: Racismo, Cultura Afro, Conscientização.

INTRODUÇÃO

Quando falamos sobre o enfrentamento ao racismo dentro de uma escola pública precisamos entender que a Lei 10.639/03 vem atender a uma política de ação, por parte do Estado, aclamada há várias décadas pelos movimentos sociais negros no Brasil. A Lei 10.639/03 diz que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Assim, adentrar na realidade de estudantes que não conhecem as histórias e a cultura afro-brasileira é obrigatório, porém no chão da escola percebemos quão pouco a lei é usada no nosso cotidiano e apenas no dia 20 de novembro, que é o dia da conscientização

¹ Aluna ana.mello.2021@alunos.uneal.edu.br da Graduação do do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL.

² Professora de Graduação do do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL.

negra, quebrar esse ciclo é um desafio, mas foi isso que propomos no nosso projeto de intervenção do PIBID para aquelas crianças.

O combate ao racismo no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) foi uma demanda urgente para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa no contexto das crianças que viviam naquele bairro. A escola desempenhava o papel de formar crianças que entendessem que a cor da pele não mudava nada sobre o indivíduo humano, sendo o espaço propício para o desenvolvimento de valores voltados às questões antirraciais.

Nossa realidade eram crianças que viviam o racismo na pele todos os dias, crianças que eram alvos de olhares, piadas, xingamentos e todos os tipos de agressões. Trazer essas crianças a realidade da igualdade era uma tarefa imprescindível para nós professoras, empoderar dentro delas uma cultura marcada por lutas e desafios que as tornassem fortes e orgulhosas por suas origens era o nosso dever naquela sala de aula.

Outro documento que baliza a Lei 10.639/03 é o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. No tópico do Ensino Fundamental, o Plano diz:

No Ensino Fundamental, o ato de educar implica uma estreita relação entre as crianças, adolescentes e os adultos. Esta relação precisa estar pautada em tratamentos igualitários, considerando a singularidade de cada sujeito em suas dimensões culturais, familiares e sociais. Nesse sentido, a educação das relações étnico-raciais deve ser um dos elementos estruturantes do projeto político pedagógico das escolas (BRASIL, 2009, p. 49)

O desafio é ainda mais relevante em contextos de periferia, onde as desigualdades sociais e raciais se manifestam de forma mais acentuada e para crianças e pessoas pretas de forma bem mais dura. As práticas pedagógicas deveriam considerar a realidade vivida por essas crianças, promovendo um ambiente de acolhimento, reconhecimento e valorização das identidades negras dentro e fora do âmbito escolar. Implementar um projeto político pedagógico na escola era um direito das crianças que nela se encontravam.

A implementação de estratégias anti racistas no cotidiano escolar pode transformar não apenas a percepção dos alunos sobre si mesmos, mas também contribuir para uma convivência mais harmoniosa e inclusiva.

O preconceito racial é a ideia ou conceito sem qualquer fundamento real sobre uma determinada pessoa, baseado apenas em concepção prévia do ideológico pessoal. No que se refere a esse assunto, Schucman (2010, p. 44) expressa que:

Ainda que todas as evidências apontem o racismo como explicação para as desigualdades raciais, o racismo brasileiro tem a especificidade de ser velado e sutil. A ideia de ‘democracia racial’ faz parte do imaginário brasileiro e constrói um ideal do qual os brasileiros, em sua maioria, não abrem mão. Hasenbalg (1979) aponta que a ideia de democracia racial é uma arma ideológica produzida por intelectuais das elites dominantes brancas, destinada a socializar a população brasileira de brancos e não brancos como iguais, evitando, desta forma, um conflito racial no Brasil.

Ao nos depararmos com a realidade vivenciada por cada uma daquelas crianças, criamos um método que foi utilizado durante todo o mês de novembro para reforçar o mês da consciência negra e não apenas no dia 20 de novembro. Formulamos e adaptamos toda a escola para que aquele realmente fosse um mês de conscientização não só para as crianças pretas que já vinham de uma dura realidade, mas para aqueles que estavam distante deste local de fala entendessem um pouco mais sobre as raízes afrodescendentes.

METODOLOGIA

Quando lidamos com a metodologia de ensino para crianças sobre o combate ao racismo dentro de uma escola de periferia, temos que refletir como a informação que vamos passar para essas crianças tem e deve chegar de uma maneira leve e sem conceitos antecipados sobre.

As crianças não são folhas em branco, elas vêm carregadas de vivências e ensinamentos dos seus responsáveis, além é claro, da realidade de sua comunidade. Entrar com a cultura afro-brasileira numa comunidade que a inferioriza não é um desafio fácil. Por isso, separamos nosso método de ensino em oito partes de aplicação.

A metodologia de um plano de ensino de combate ao racismo dentro da sala de aula infantil deve ser cuidadosa, acessível à faixa etária das crianças e focada na promoção de

valores como igualdade, respeito e diversidade com foco na comunidade em que vivem. Abaixo estão algumas etapas e práticas que foram ser seguidas:

1. Sensibilização e Preparação do Ambiente

- Objetivo: Criar um ambiente seguro e inclusivo onde as crianças possam aprender sem preconceitos e ideias equivocadas.
- Prática: Decoração fora da sala de um painel com imagens que representem a diversidade racial, étnica e cultural. Escolha de livros e brinquedos que incluam personagens de diferentes etnias e culturas.

2. Atividades Lúdicas e Jogos

- Objetivo: Utilizar brincadeiras para ensinar sobre igualdade, diversidade e a importância de respeitar as diferenças.
- Prática: Jogos de matriz africana como terra-mar, mancala, labirinto, entre outros, que promovam a formação de equipes e de solidariedade. Atividades de arte, como desenho de pessoas com diferentes tons de pele, promovendo a valorização da diversidade.

3. Contação de Histórias

- Objetivo: Utilizar histórias e contos para mostrar a importância do respeito às diferenças e combater estereótipos raciais.
- Prática: Contar histórias de personagens de diferentes etnias, com narrativas que abordam temas de amizade, respeito e luta contra o preconceito racial.

4. Reflexão e Discussão Orientada

- Objetivo: Encorajar as crianças a refletirem sobre o que é o racismo e como ele pode ser combatido de forma simples e acessível.
- Prática: Discussões orientadas sobre situações cotidianas onde as crianças possam perceber atitudes preconceituosas e como agir diante disso. Para crianças menores, pode-se usar exemplos simples, como a diferença de cor de pele e a ideia de que todas as pessoas merecem respeito.

5. Ações Colaborativas

- Objetivo: Despertar a solidariedade e a construção de um ambiente de inclusão.

- Prática: Trabalhar em projetos coletivos onde as crianças ajudem a criar algo que simbolize a diversidade e o respeito, como uma "árvore da amizade" ou um mural da inclusão bem como sua própria boneca abayomi. Trouxemos uma especialista em cabelos cacheados e crespos para falar sobre preconceito capilar e fazer penteados africanos nas crianças.

6. Envolvimento dos Pais e Comunidade

- Objetivo: Expandir o aprendizado sobre o combate ao racismo para além da sala de aula, envolvendo a comunidade escolar.
- Prática: Organizar encontros com os pais para discutir temas relacionados ao racismo e à importância da educação antirracista. Promover atividades extracurriculares, como rodas de conversa e palestras com profissionais especializados.

7. Avaliação Contínua e Sensibilidade

- Objetivo: Conduzir o progresso das crianças na compreensão e prática de atitudes anti racistas.
- Prática: Avaliação informal e contínua por meio de observações e atividades de grupo, com foco no comportamento e nas atitudes das crianças, e não apenas no conteúdo aprendido. Adaptar a abordagem conforme a evolução das crianças.

8. Incorporação dos Conceitos de Forma Progressiva

- Objetivo: Introduzir conceitos relacionados à luta contra o racismo de forma gradual, conforme a faixa etária.
- Prática: Focar em palavras e ações positivas, como amizade, respeito e inclusão. À medida que as crianças crescem, introduzem conceitos mais complexos, como desigualdade e direitos humanos.

Ao implementar essa metodologia, é importante que nós professores sejamos um modelo de atitudes inclusivas e que as crianças sintam que o ambiente escolar é um espaço de aprendizado constante sobre respeito e igualdade.

REFERENCIAL TEÓRICO

O combate ao racismo desde a infância é uma demanda urgente e essencial para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa, algo que precisa e deve ser tratado no chão da escola. A escola desempenha um papel fundamental na formação das crianças, sendo um espaço propício para o desenvolvimento de valores de respeito à diversidade de culturas e de tons de pele, e o PIBID por sua vez desempenha um papel crucial na formação acadêmica dos alunos que precisam aprender como tratar de assuntos tão abordados.

A educação antirracista fundamenta-se em legislações e diretrizes educacionais, como a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Estudos de autores como Munanga (2003) e Gomes (2017) ressaltam a necessidade de uma educação que valorize as contribuições da população negra na formação da sociedade brasileira como um todo, em sua culinária, em suas danças, na forma de cultuar suas religiões.

A implementação de práticas pedagógicas antirracistas requer estratégias que promovam a reflexão e o respeito à diversidade. Algumas abordagens incluem: Uso de materiais didáticos inclusivos: Adoção de livros e recursos que valorizam a cultura afro-brasileira e africana. Formação de professores: Capacitação de educadores para lidar com questões raciais de forma crítica e embasada. Atividades interdisciplinares: Projetos que abordam o racismo em diferentes disciplinas, estimulando o pensamento crítico dos alunos. Representatividade no ambiente escolar: Inclusão de imagens diversas nos espaços escolares.

Estudos indicam que a implementação de práticas antirracistas no ensino fundamental contribui para a redução de preconceitos e o fortalecimento da identidade racial das crianças negras. Segundo Gomes (2017), o reconhecimento e a valorização da história afro-brasileira nas escolas são passos fundamentais para o combate ao racismo estrutural.

Adotamos como estratégias os livros infantis, que trazem em uma linguagem mais apropriada para as crianças questões de cor, cabelo, religião e cultura como O pequeno Príncipe Preto de Rodrigo França (2020), Menina Bonita do Laço de Fita de Ana Maria Machado (1986), Que cor é a minha cor? de Martha Rodrigues (2021); que trazem esse assunto de forma leve para as crianças.

O enfrentamento ao racismo no ambiente escolar exige ações concretas e um compromisso coletivo entre educadores, gestores e comunidade. A implementação de estratégias pedagógicas inclusivas e a formação docente são passos essenciais para garantir uma educação mais equitativa e livre de discriminação racial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisar os resultados do projeto de intervenção realizado na sala de aula, bem como na escola foi algo satisfatório. Não esperávamos que o envolvimento fosse tão grande, nem esperávamos que toda a escola entendesse o que queríamos passar de forma tão positiva. Os resultados e discussões de um projeto de intervenção sobre racismo com crianças são analisados a partir de diferentes perspectivas, como a mudança nas atitudes das crianças, o impacto nas relações interpessoais, a evolução na compreensão do racismo e as implicações para a construção de uma sociedade mais inclusiva. Resultados encontrados:

Mudança nas atitudes e comportamentos das crianças, pois houve uma redução significativa nas atitudes discriminatórias observadas nas interações diárias entre as crianças. Durante o projeto, as crianças que anteriormente demonstravam atitudes de exclusão baseadas em diferenças de cor de pele, passaram a demonstrar mais empatia e solidariedade para com os colegas. Aumento de comportamentos colaborativos, como ajudar colegas independentemente de sua etnia ou origem.

Aumento na compreensão do conceito de racismo, as crianças, especialmente aquelas que antes não tinham uma compreensão clara do racismo, passaram a reconhecer atitudes preconceituosas e associá-las ao conceito de desigualdade e discriminação. Em conversas dirigidas, às crianças começaram a identificar e questionar estereótipos raciais presentes na sociedade ou até mesmo em figuras de autoridade (como em histórias ou programas de TV). Durante rodas de conversa, as crianças foram capazes de definir, com suas palavras, o que é o racismo e como ele afeta as pessoas.

Aumento na autoestima das crianças de diferentes etnias, crianças de diferentes etnias se sentiram mais valorizadas e reconhecidas dentro do ambiente escolar. O projeto contribuiu para uma maior autoestima e pertencimento. As crianças pretas, por exemplo, demonstraram mais confiança em atividades de grupo e expressaram orgulho em sua herança cultural.

A eficácia das abordagens lúdicas e educativas, o uso de atividades lúdicas e histórias, como livros com personagens diversos e jogos colaborativos, foi fundamental para envolver as crianças de maneira divertida e acessível, facilitando o entendimento do conceito de racismo de forma menos abstrata. Essas abordagens permitiram que as crianças internalizassem valores como respeito e igualdade de uma forma natural, sem uma imposição direta. No entanto, é importante observar que algumas crianças ainda podem ter dificuldades para entender o racismo de uma maneira mais ampla, uma vez que dependem da maturidade cognitiva para isso.

O papel da figura do educador na transformação de atitudes, o envolvimento e o exemplo do educador são essenciais para que o projeto tenha sucesso. Os professores, ao

adotarem práticas inclusivas e ao demonstrarem posturas anti racistas no cotidiano escolar, influenciam diretamente o comportamento das crianças. A formação contínua dos educadores sobre como lidar com questões raciais e como trabalhar com a diversidade deve ser constante, já que o educador é uma das figuras mais importantes na construção de valores dentro da escola.

Houveram resistências e desafios na implementação do projeto, embora o projeto tenha apresentado resultados positivos, algumas dificuldades ainda surgiram, como resistências de crianças que vieram de contextos familiares onde preconceitos são ainda mais presentes. Além disso, alguns preconceitos difíceis de desconstruir podem ser internalizados pelas crianças desde muito cedo no meio onde vivem. Essas resistências podem ser trabalhadas de forma contínua e gradual. Também foi percebido que a comunicação constante com os pais é crucial para que o aprendizado das crianças seja complementado em casa, tornando-se um processo mais eficaz.

O impacto das atividades na construção de um ambiente escolar mais inclusivo, o ambiente escolar se tornou mais acolhedor à medida que as crianças aprenderam a lidar com as diferenças, promovendo uma cultura de respeito. No entanto, a permanência desse ambiente depende de ações contínuas de sensibilização. O projeto de intervenção contribuiu para transformar a escola em um espaço mais seguro para todas as crianças, mas os resultados podem ser duradouros apenas com um acompanhamento constante e a continuidade das atividades de conscientização.

As implicações para a construção de uma sociedade antirracista, o trabalho realizado com as crianças tem um impacto significativo na formação de uma futura geração mais empática e consciente sobre questões raciais. Contudo, é necessário que a sociedade, de forma geral, também se mobilize para que mudanças mais amplas ocorram, visto que o racismo é uma estrutura social que vai além do ambiente escolar.

O projeto representa um passo importante, mas isoladamente não é suficiente para transformar toda uma sociedade. No entanto, ele é um ponto de partida importante para a conscientização de futuros cidadãos de uma comunidade que sofre tanto com o racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto foi bem-sucedido na promoção de uma maior compreensão sobre o racismo entre as crianças, além de contribuir para mudanças de atitudes e comportamentos no ambiente escolar. A continuidade de projetos semelhantes, com a formação contínua de

educadores e o envolvimento ativo dos pais, é essencial para garantir que o aprendizado sobre o combate ao racismo seja duradouro e eficaz. Além disso, é necessário adaptar as estratégias conforme as características culturais e sociais da comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Dispõe sobre a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações Raciais: Reflexões e desafios. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Petrópolis: Vozes, 2003.

SCHUCMAN, L. V. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. Revista Psicologia Política, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 41-55, 2010.